



Entre túnicas de seda e nativos, “O bálsamo”: corpos amazônicos “quase” seduzidos

Between Silk Tunics and Indigenous People, “O bálsamo”: “Almost” Seduced Amazon Bodies

Linda Maria de Jesus Bertolino

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA/FAPEMA), São Luís, Maranhão / Brasil

linda1.hot@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1655-2769>

Rogério da Silva Lima

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF / Brasil

rlima@unb.br

<https://orcid.org/0000-0002-9481-6611>

Resumo: Neste artigo buscamos refletir sobre como se estabelecem, na representação do conto “O bálsamo”, do escritor amapaense Fernando Canto, as alegorias óleo e vestes de seda, haja vista que tais alegorias ajudam a demarcar, na feitura do texto, uma relação de poder e saber entre nativos (albinos) e estrangeiros (túnicas de seda) no universo da floresta Amazônica. Assim, busca-se analisar o sentido metafórico dos termos óleo e seda, com o intuito de mostrar como esses dois elementos podem assumir a função de um dispositivo, uma vez que no conto são colocados como um mecanismo estratégico de sedução para o corpo dos nativos.

Palavras-chave: nativos; estrangeiros; bálsamo; seda; corpos.

Abstract: In this paper we pursue to reflect on how the allegories of oil and silk are represented in the short story “O bálsamo” from the amapaense writer Fernando Canto, given that such textual allegories help to demarcate power and knowledge relations between the native (albino) and foreign (silk tunics) in the universe of the Amazon rainforest. Thus, we seek to analyze the metaphorical meaning of the terms oil and silk,

in order to show how these two elements can assume the function of a device, since in the short story they stand as strategic mechanisms of seduction for the indigenous bodies.

Keywords: indigenous people; foreigners; balm; silks; bodies.

1 Introdução

“O bálsamo” é um conto cujo enredo é pensado a partir de um determinado espaço-tempo em que a atividade artística e a multiplicidade temática priorizam o objeto da narrativa a partir de perspectivas culturais e políticas, nas quais se encontram representados a figura do nativo, do estranho e o universo da floresta Amazônica. Contudo, embora a narrativa forneça condições para que se pense o aspecto do fantástico, as proposições apresentadas em seu enredo refletem e reforçam contextos culturais que sugerem domínio, resistência e cobiça pela biodiversidade amazonense, o que, por conseguinte, abre possibilidades para se articular, neste trabalho, noções de poder e saber. No entanto, é preciso mencionar que embora o enredo de “O bálsamo” acolha em si aspectos de um mundo imaginário, ele, de forma específica, outorga um saber político-social que ajuda a validar o conhecimento e a atmosfera cultural de uma região e de seus habitantes. Tal atmosfera assimila simbologias e eventos comumente compartilhados sobre o cotidiano dos povos das florestas: tradição, especiarias, produção, nativos, estrangeiros e sedução. Assim, considera-se que existe no enredo da ficção narrativa uma dimensão de sentido e valor identitário, na qual o espaço de vivência do nativo é representado como um produto de disputa e apropriação. Considera-se, ainda, que o enredo do conto é construído a partir de um jogo semântico, cujo fundamento artístico é articulado mediante a sugestão de imagens, sejam elas imaginadas ou não.

Assim, emite-se como sentença particular que, no enredo do conto, os elementos seda e óleo equivalem a um mecanismo de sedução, uma vez que ambos concorrem para estabelecer e estruturar o contato entre albinos e estranhos. Daí serem eles associados ao bálsamo, um eflúvio tão poderoso quanto o canto da sereia, um ser mitológico que tem a capacidade de atrair e cativar com o seu canto. Semelhante é o efeito do lenitivo: um óleo místico que, quando aplicado ao corpo dos nativos, seduz, limita e dociliza. Sob essa lógica, buscaremos no decorrer da escrita aproximar o termo *bálsamo* ao termo *dispositivo*, já que ambos os substantivos agregam a noção de sedução, controle e, portanto, norma. Partindo, então, dessa abordagem diremos que, no conto, o óleo

e a seda tanto assumem a função de docilizar corpos, como também ajudam a garantir a “normatividade” da produção de azeite de andiroba para os estrangeiros. No entanto, exporemos que, se a produção dessa especiaria resulta da norma, seja ela coercitiva ou sedutiva, a noção de normatividade vincula-se naturalmente à positividade, uma vez que o signo *positivar*, como diz Hegel (*apud* AGAMBEN, 2009), implica domesticar, já que é inerente à positividade a tarefa de consumir, executar, efetuar e corporificar.

Argumentaremos, então, que a ideia de positividade agrega em si uma cadeia verbal que converge para o sentido de coerção, termo que pode ser analisado como um dispositivo de poder e de saber, atentando-se que quando se impõe o uso de um dispositivo como verdade, seja com estratégias de força ou de sedução, concorre-se para silenciar a razão. Daí apontar Agamben (2009), de forma expressiva, que o dispositivo é em si um ato de coerção, cuja função é capturar e modelar o sujeito. De modo parecido é o bálsamo, um elemento de positivação que se investe na individualidade dos albinos a serviço de uma dominação. Mediante esses argumentos, busca-se articular concepções de sedução, governabilidade, liberdade e resistência. Tais concepções serão analisadas sob o viés das categorias de poder, saber, dispositivo e verdade, julgando-se que a imbricação desse conjunto repercute formas de subjetivações no corpo, uma vez que a corporeidade subjetiva-se por meio da práxis. Conquanto, para efetivar a análise dessas concepções recorre-se às formulações teóricas de Michel Foucault e Giorgio Agamben.

2 O bálsamo: a beleza do contar

Na beleza insólita do ato de contar se constrói a essência e a eventualidade da criação literária. Contar, como diria Maurice Blanchot (2011), é um espaço fechado, uma sala de concerto em que a pessoa se encerra para desfrutar de um prazer clandestino. Sugere-se, então, que é desse prazer clandestino, no qual se descobre na palavra a eventualidade do ato de narrar, que nasceu o conto “O bálsamo” (1995), do escritor Fernando Canto. Uma narrativa que contém em si o imaginário e o sobrenatural, o que ajuda a construir na ficção um efeito mágico e, ao mesmo tempo, metafórico.

“O bálsamo” apresenta uma linguagem alegórica que insinua tradições e costumes de povos que, pelas circunstâncias ou por escolha,

vivem isolados da “civilização” dominante. E, tendo em conta que essas alegorias evocam e sugerem mundos e universos possíveis a serem vivenciados na floresta Amazônica, o conto termina por criar possibilidades para se pensar na rede de relações que envolve primitivos, estrangeiros, poder, saber e dispositivo corporal.

A trama é narrada a partir da perspectiva do narrador-personagem, que, como diria Sarmiento-Pantoja (2002) em “Aspectos do realismo maravilhoso em ‘O bálsamo’ de Fernando Canto”, é tipicamente um narrador “benjaminiano da melhor estirpe: um contador que evoca não apenas a sua experiência, mas que transmuta essa experiência em atitude coletiva” (SARMENTO-PANTOJA, 2002, p. 49).

De acordo com o narrador-personagem, a experiência que ele relata reflete a vivência da comunidade, bem como a sua condição corporal e cultural, frente ao uso diário do bálsamo. Pois, como aponta o narrador:

De velhos que fôramos agora estávamos em pleno vigor físico. A produção caía conforme rejuvenescíamos. Desaprendemos a pescar e a caçar. Cartela e eu não saíamos mais da rede fazendo amor mais de dez vezes por dia. Certo dia fui procurar o que comer e descobri que a comunidade passava por privações. Nesta mesma data recusei pela primeira vez o bálsamo. Eles ficaram surpresos e se aborreceram comigo. (CANTO, 1995, p. 3).

Essa é, portanto, uma das muitas certezas e experiências relatadas pelo narrador de “O bálsamo”. Segundo seu relato, essa comunidade de albinos, cuja característica física principal é descrita como um olho na testa, vive isolada no meio da floresta, mantendo assim quase nenhum contato com estranhos.

Entretanto, apesar desse contato minguado com outros povos, certo dia os nativos receberam em suas terras a visita inesperada de alguns seres insólitos: os seres de túnicas de seda, cuja pele apresentava um tom “ouro-arroxeadado. Esses seres usavam túnicas azuis-turquesa de seda pura. Eram calvos” (CANTO, 1995, p. 1) e tinham um porte físico desajeitado, tendo em vista que eles possuíam alturas gigantescas em relação à estatura dos albinos.

Essa altura desproporcional entre nativos e estrangeiros agrega um caráter meramente simbólico, tencionando que o segundo tem a “estatura três vezes maior que o mais alto habitante da vila” (CANTO, 1995, p. 1). Essa representação acentuada que formata a altura do

estrangeiro simboliza no enredo da trama a ideia de imponência cultural, imagem construída pelo colonizador. Imponência cuja herança tem raízes históricas no eurocentrismo e que sempre, ou quase sempre, encontra-se orientada por concepções negativas, julgando-se que estas são geralmente apoiadas em pressupostos teóricos eugenistas¹ europeus.

Silvio Almeida diz, em *Racismo estrutural* (2019), que esses pressupostos se justificam a partir da esterilização de grupos étnicos, nos quais os indivíduos encontram-se discriminados por categorias. Assim, tais pressupostos têm como finalidade a segregação de povos, etnias, economia, cultura e regionalidade, haja vista que se sustentam em um viés classificatório, cuja finalidade é inferiorizar raças, costumes, crenças e hábitos de forma a demarcar uma relação de poder cultural e político entre naturais e estrangeiros.

Mas, como somos naturalmente tendenciosos a novidades, os albinos ficaram encantados com as discrepâncias físicas, culturais e, majoritariamente, com o óleo lenitivo rejuvenescedor e o brilho das vestes de seda azul-turquesa que os estranhos usavam. Desse modo, movidos pelo êxtase das novidades reluzentes, os nativos entregaram-se aos encantamentos de tais vestes.

Esse encantamento encontra a raiz de sua explicação na constituição do fio da veste de seda, formada a partir de uma fibra proteica obtida do casulo do bicho-da-seda. Por se tratar de uma matéria prima cara e com características macias e cintilantes, ela pode ter sido usada como estratégia de dominação, seduzindo, de forma imediata e precisa, o corpo que a contempla. Julga-se ainda que, uma vez que a palavra *seda* dá origem ao termo *sedativo*, ela agrega em si ideias que implicam em docilizar, acalmar, adormecer, tranquilizar, amaciar, amansar e amortecer. Logo, no conto não é só o óleo lenitivo que assume a funcionalidade de dispositivo de controle (AGAMBEN, 2009), mas também as vestes de seda.

Uma vez que a composição reluzente da seda dociliza e adormece, ela se institui junto ao corpo dos nativos como um dispositivo sedativo

¹ Termo cunhado por Francis Galton (1822-1911), cujo significado é o estudo dos agentes sob o controle social. Um controle que, segundo estudiosos, pode melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações – sejam elas físicas ou psicológicas. O movimento eugenista foi bastante polêmico, uma vez que tinha como fim validar a segregação hierárquica. Assim, ele agrega em si noções de seleção.

de cooptação da razão. Sendo assim, é sob essa ótica que a imponência da seda e a promessa de rejuvenescimento do corpo, com o uso contínuo do óleo, assumem no enredo do conto significados alegóricos que podem ou não ser analisados como verdades.

Ora, tal como o brilho, a seda é, por natureza, reluzente e ofuscante, principalmente a quem procura vislumbrá-la. Por conseguinte, estando os olhos dos albinos ofuscados por um complexo mecanismo cintilante, eles terminam por perder a capacidade real de visualizar com precisão os acontecimentos. E, como diz o velho adágio: nem tudo o que reluz é ouro.

Assim, tendo como base esse ditado, abre-se uma possibilidade na leitura do conto para se pensar na semelhança que assume o enredo de “O bálsamo” com outras tantas histórias, que se conhece ou se ouviu falar, dos velhos sistemas de colonização. Tempo-espaço onde o colonizador sempre tinha uma novidade, reluzente ou não, a oferecer ao nativo. Uma novidade que nomeamos de dispositivos, atentando que no dia a dia ela concorre para criar “verdades e subjetivações no corpo do sujeito” (FOUCAULT, 2015, p. 91).

Diz-se, portanto, que, no enredo, o lenitivo bálsamo e a seda, enquanto dispositivos, representam um sacramento naquela vila de albinos, ou seja, representam uma “verdade” utópica semelhante à ideia do Ovo de Colombo.² Verdades que, quando aplicadas aos corpos, “curariam nossas doenças e aliviariam nosso cansaço, principalmente, se aceitássemos a aplicação do bálsamo [...] ao redor dos olhos, pois sofríamos bastante com doenças oculares” (CANTO, 1995, p. 2).

Reforça-se, então, que são as promessas de sedução, sustentadas pela imagem de um corpo novo e rijo, que orientam a vida da comunidade daquela floresta, bem como também são elas que os ajudam a criar subjetivações no corpo dos nativos. Uma subjetivação que encontra sua justificativa no efeito lenitivo do óleo e no aspecto cintilante da seda, considerando que são estes dois elementos que modificam os costumes, os saberes, as verdades e, principalmente, os vigores sexuais dos albinos. Pois, segundo o narrador-personagem, o óleo era tão eficaz que ele e “Cartela, por exemplo, não [saíam] mais da rede, fazendo amor mais de

² Metáfora usada para dizer que tudo na vida é fácil de realizar, inclusive os eventos que se julgam impossíveis de realização.

dez vezes por dia”, enquanto “os outros foram ficando crianças e não davam mais conta do trabalho” (CANTO, 1995, p. 3).

Dada à fala do narrador, menciona-se que o óleo e as vestes executam uma governamentalidade³ na vida, no corpo, nas experiências, crenças e valores dos nativos. Como cita Foucault (2009), a governamentalidade tem como fim produzir verdades que controlam a liberdade do outro, criando, assim, a ilusão de que o corpo é livre.

Nesse sentido, fascinados pelo desejo de liberdade, os nativos se deixam cativar pelas ideias de um projeto estrangeiro de sedução, domesticação e rejuvenescimento, fato que equivale a uma sujeição. E, como se tratava de “uma população de velhos fadados ao esquecimento e ao desaparecimento” (CANTO, 1995, p. 2), os albinos, seduzidos pelas promessas de cura, acatam o lenitivo para alentar suas dores, seus cansaços e, assim, tornarem-se mais ágeis para o trabalho e para a vida.

Dessa forma, à medida que os dias iam passando na floresta, os anciões da vila de albinos iam ficando cada vez mais novos. No entanto, não eram somente os albinos que se transformavam, mas também a aparência dócil dos estrangeiros. Ao mesmo tempo em que os nativos solicitavam de volta suas rugas, crenças e saberes, os seres de túnicas de seda assumiam novas práticas. Agora, viviam eles “embrenhados na selva e passavam a produzir produtos, com os regatões que, esporadicamente, apareciam no rio de nosso lugar” (CANTO, 1995, p. 4).

E foi assim também que, em um belo dia de sol, os nativos acordaram e perceberam que os rituais, a cultura e os saberes da comunidade encontravam-se fragilizados com a aplicação do bálsamo em seus corpos, tendo em vista que eles não sabiam mais como pescar. Uma vez despertados do encantamento da sedução, os albinos recusaram “pela primeira vez o bálsamo [...]. Recusamos nas semanas seguintes e exigimos a devolução de nossas rugas” (CANTO, 1995, p. 3).

Essa recusa custou caro aos albinos. Ao resistirem ao lenitivo, os estrangeiros passaram a “nos tratar duramente com olhares faiscantes. Percebi que eles estavam diminuindo. E cada vez que eu os iluminava com a lamparina percebia que seus rostos estavam cada vez mais descorados e feios” (CANTO, 1995, p. 4).

³ Esse termo refere-se a um neologismo foucaultiano, usado para se refletir como as tecnologias operam no sistema capitalista.

Sugerimos que esse novo desenho que se desnuda na face do estrangeiro representa uma mudança de perspectiva na vida dos nativos, haja vista que essa nova imagem, ou seja, esse novo olhar, se orienta a partir de dois eixos: da concepção de belo para a ideia de “descorados e feios”. Portanto, exprime a vigência dessa fisionomia um jogo de falsa aparência e sedução, uma vez que essa mudança equivale a uma retomada da razão, no qual a face do estranho é desnudada.

Metaforicamente, diremos que esse jogo de falsa aparência e sedução equivale à velha relação de troca de especiarias, que se dava entre colonizado e colonizador, considerando que tal prática se efetuava a partir do mecanismo do famoso aforismo: toma lá dá cá. Nesse sentido, o que se configura diante deste evento é uma quebra de contrato, mas é também uma ação de profanação aos mecanismos de sedução, usados pelo estrangeiro unicamente para dominar o nativo.

Nesse contexto, menciona-se que, enquanto os corpos dos nativos permaneciam inebriados pelo efeito do bálsamo, as especiarias, como ervas aromáticas, condimentos, óleo de andiroba⁴ e leite da castanha-dopará ou castanha do Brasil⁵ (elementos ricos em propriedades cosméticas, culinárias e medicinais), eram dadas rigorosamente aos insólitos.

Mas, como nenhum sono é eterno, um belo dia os homens de um olho só acordaram e deixaram de seguir as ordens dos seres de túnicas de seda azul-turquesa, exigindo destes suas vidas de volta. Sabendo os insólitos que não tinha mais como ludibriar os albinos, firmaram acordos e propostas para retirarem-se da floresta, uma vez que os nativos exigiam que eles partissem imediatamente do local.

Essa exigência representa no conto uma emancipação, isto é, um ato de resistência e de rompimento de contrato, cujo estabelecimento resultou da força de governabilidade e da sedução dos seres de túnicas de seda. Assim, romper com as exigências de entregar especiarias aos estranhos implica, simbolicamente, tapar os ouvidos para não se encantar com o canto sedutor da seria. Implica, ainda, acordar de um sono profundo.

Consequentemente, se os albinos acordaram é porque dormiam. O verbo *dormir* agrega em si o significado de acalmar, tranquilizar, ou seja, dormir é uma forma de morrer, pois morrer é cair no sono – termo latino

⁴ Planta fitoterápica conhecida, principalmente, por seus benefícios ao corpo.

⁵ Semente do mesmo grupo das nozes, amêndoas e outras oleaginosas.

somnus. Dormir, então, é dispor-se a sonhar em morte, haja vista que o sujeito entra em um estado ordinário de inconsciência quando adormece.

Diante disso, ao usar o bálsamo, os albinos adormecem e perdem, ainda que temporariamente, suas atividades perceptivo-sensoriais de decisões e de resistência. Portanto, dizer não ao uso do bálsamo e ao brilho reluzente da seda é acordar, colocar o corpo em estado de vigília, uma vez que vigiar é perceber a si e ao outro.

De posse dessa vigília, os albinos puderam visualizar na corporeidade dos insólitos “a incessante mudança na pele [...] a perda da verve que tanto os encantara quando chegaram” (CANTO, 1995, p. 4). Contudo, entende-se que essa mudança incessante exibida na pele dos estranhos sempre esteve presente neles. Ela apenas encontrava-se velada, aos olhos dos albinos, pela sedução do bálsamo e pelo brilho da seda. Somente no momento em que o contrato é interrompido, ou seja, no momento em que os albinos retomam a razão, é que eles conseguem olhar com clareza aquilo que se encontrava furtivo pelos efeitos incandescentes das encantadoras e luminosas promessas do óleo e do brilho da seda.

Considerando que toda e qualquer luminosidade concorre para tornar a visão imperceptível, alega-se que a incandescência do dispositivo seda terminou por inviabilizar, aos albinos, uma visão precisa sobre os “reais” acontecimentos – firmados no interior do contrato. E, como nem sempre se consegue ler, com precisão e liberdade, as entrelinhas que orientam as regras dos acordos, aceitá-las, sem uma devida leitura, é colocar em risco a liberdade, algo caro para ser reconquistado, principalmente quando se expõe o corpo às intenções do Outro, dado que toda intenção equivale a um plano.

No entanto, embora os contratos sejam passíveis de quebra de acordos, rompê-los pode custar caro. Mediante a isso é que os albinos, ao romperem com as regras do pacto, veem-se obrigado a reembolsar, rigorosamente, os seres de túnica de seda com “75% de toda produção de azeite de andiroba, e o mesmo percentual de coleta de castanha de toda safra” (CANTO, 1995, p. 6).

O preço da liberdade dos nativos custou, portanto, 75% de toda a produção da comunidade e, como enuncia Frantz Fanon em *Os condenados da terra* (2005), não existe liberdade sem resistência. Assim, somente depois de dizermos não ao bálsamo, depois de dizer não à seda, chegamos enfim ao rompimento do contrato. Foi depois de toda essa luta que os estrangeiros “se preparam para partir. E esse dia, aliás, essa

noite chegou [...] subiram as escadas e um a um mergulhou no líquido oleoso [...] E o perfume do bálsamo infestou a floresta por três dias e três noites” (CANTO, 1995, p. 8).

Da mesma forma como chegaram “esses estranhos vampiros”, num determinado anoitecer, sem que ninguém soubesse de onde vinham, também sumiram no meio da noite. Numa “grossa fumaça de cheiro agradável que se espalhou por toda a região” (CANTO, 1995, p. 8). Simplesmente sumiram da floresta. Sumiram. E nunca mais se ouviu falar sobre eles.

3 Desejo de governabilidade

Em “O bálsamo”, o sentimento de governabilidade equivale ao mesmo sentimento de controle que se articula no interior dos sistemas econômico-políticos. Desse modo, “O bálsamo”, longe de ser apenas uma narrativa fantástica, poderá ser também uma metáfora coletiva, se considerarmos que a narrativa sustenta seu enredo a partir de questões que comumente envolvem o universo amazônico. Universo esse sobre o qual se tornou comum ouvir histórias que têm como figurantes fazendeiros, estrangeiros, poceiros e nativos. Assim, ainda que essa narrativa agregue em si elementos sobrenaturais, ela se constituiu, principalmente, a partir de elementos que podem ser aceitos “naturalmente” na sociedade como verdades: interesse estrangeiro na biodiversidade da mata, controle do Outro, valores econômicos e culturais.

A partir disso pode-se afirmar que existe, portanto, um saber político-social na representação do enredo. Um saber que esquematiza e valida histórias de uma região, tendo em vista que o modo como se encontra narrada a história entre albinos e estranhos – no interior do conto – abre perspectivas para que o leitor possa teorizar esquemas de racionalidade na feitura da representação narrativa.

Essa racionalidade termina por representar um desejo de governabilidade, cujo fim é regular e manipular saberes, regiões e até a biologicidade do sujeito. Atentando que o uso cotidiano do óleo no corpo dos albinos e, de forma específica, no corpo do personagem Beneli, apresenta-se como um mecanismo biológico de manipulação, cuja finalidade é reduzir o corpo adulto à forma infantil.

Assim, o que se estabelece na regressão dos albinos – de velhos para criança – é a tentativa de dominar a alteridade do Outro. Pois, se

considerarmos que o signo *reduzir* implica semanticamente perder, emitiremos que, uma vez realizada a regressão, o estrangeiro transporta para si o direito de falar pelo nativo. Igualmente, emite-se que se admitirmos que a infância encontra-se relacionada à inépcia da fala, ver-se-á que a subtração do corpo de Beneli representa a incapacidade da razão e da expressão linguística da comunidade, dado ao uso do sedativo bálsamo.

Diante disso, infere-se: efetivada a regressão corporal e linguística da comunidade dos homens de um olho só na testa, o adulto-estrangeiro assume e requer para si não somente a missão de tradutor dos nativos, mas também de administrador da floresta, seja no comando e domínio da biodiversidade, seja diante dos saberes da comunidade.

Há, portanto, no interior do enredo, uma representação metafórica que insinua uma tática de poder e dominação, cuja finalidade é, principalmente, o corpo, já que é ele o receptor das subjetivações. Daí a necessidade de se refletir na leitura do conto a relação entre o dispositivo (sedução) e a noção de governabilidade. Pois, sendo o “dispositivo uma máquina de produzir subjetivações” (AGAMBEN, 2009, p. 34), é ele, naturalmente, uma máquina de viabilizar governabilidade. De modo semelhante, dir-se-á, então, que o desejo de governabilidade que aparece em “O bálsamo” orienta-se a partir de uma cultura de poder reguladora, cuja função é dominar e docilizar corpos.

Se partirmos das categorias foucaultianas que versam sobre a relação entre poder saber e verdades, veremos que, diante dessas categorias, o corpo assume um papel de protagonista, uma vez que ele se encontra na esteira da “norma e da disciplina” (FOUCAULT, 2014). Nessas condições, esboça-se: no enredo os elementos corpo, vontades e desejos encontram-se docilmente disciplinados para produzir saber (conhecimentos medicinais, culinários e ecológicos) ao estranho. Na trama, esse estranho constitui-se como uma ameaça cultural, econômica, política e até biológica, dadas as mutações realizadas no corpo de Beneli pela aplicação cotidiana do bálsamo. Nesse sentido, conseqüentemente, os insólitos exercem sobre a comunidade um poder soberano, cuja instância, como diz Foucault, é capaz de determinar e traçar o ténue da vida protegida e da vida exposta à morte.

Reforça-se, assim, que a comunidade dos homens de um olho só é representada no conto a partir de uma rede, onde se encontram imbricados saber, verdades e poder. Ainda que de forma limitada, esse poder também

se encontra na mão do nativo, pois é a partir do conhecimento natural que a comunidade albina detém que se realiza a troca de iguarias amazônicas pelo lenitivo bálsamo, cuja promessa é o rejuvenescimento do corpo.

Nesse sentido, o que está em jogo nesta rede de relações é a sedução e, principalmente, as riquezas naturais que o nativo possui. E, uma vez que a relação entre albinos e estrangeiros se efetiva a partir do mecanismo da troca, insinua-se dizer que esse poder, ainda que de forma diferente, encontra-se na mão de ambos, nativo e estrangeiro, visto que tanto um quanto o outro têm algo a oferecer para consolidar o mecanismo da dívida. O segundo oferece cura e juventude àquela comunidade, formada majoritariamente por pessoas idosas, enquanto que o primeiro oferece as iguarias da floresta e o seu corpo, tomado pelo estrangeiro como experimento.

Estando o corpo posto a experiências, situa-se ele como objeto de um possível conhecimento. Isso porque, ao fazer uso do lenitivo óleo, a corporeidade é tomada como experimento de especulação e conhecimento para o estranho. Portanto, é assim que a vida dos seres de um olho só na testa é posta no centro do cálculo de interesses estrangeiros. Um cálculo no qual se encontram em jogo verdades que podem ou não servir a estruturas políticas e econômicas e que visam uma regulamentação social, cultural e individual de grupos ditos “menores”.

Essas verdades agregam condições de mobilidade coletiva que podem tanto traçar ou alterar caminhos como podem também ajudar a modificar um conjunto de práticas da comunidade, haja vista que são elas usadas pelos seres de túnicas seda azul-turquesa como dispositivos de sedução. Um dispositivo que é diuturnamente aplicado, em forma de óleo, nos corpos e ao redor dos olhos dos albinos, tornando-se, então, norma e controle, o que permite a transmutação biológica dos nativos (de velhos para criança e, radicalmente, para feto).

Esta manipulação biológica realizada nos corpos e vigos físicos dos nativos assemelha-se aos mecanismos de poder que se executam no seio da biopolítica. Poder que legisla sobre a vida e sobre a morte do indivíduo, considerando que, no interior da governança deste poder, o homem é visto como “um ser animal, em cuja política está em questão a sua vida de ser vivente” (AGAMBEN, 2010, p. 11). Deste modo, é sob a concepção de governabilidade que se intui dizer que, no enredo do conto, o corpo dos nativos, uma vez adormecido pelos rituais de sedução dos estrangeiros, torna-se permissível à manipulação genética.

Convoca-se mais uma vez a manipulação biológica efetuada no corpo de Beneli, personagem que “morreu feto, cabeçudo e transparente” (CANTO, 1995, p. 4), cuja representação genética abre condições para se pensar na “categoria da catástrofe” (AGAMBEN, 2004, p. 56). É possível alegar que, diante da brusca regressão da forma adulta para a forma fetal, o corpo do personagem encontrou-se bruscamente submetido a um desvio catastrófico de evolução. Isso porque, uma vez estando este corpo no estágio de feto (cabeçudo e transparente), ele adquire uma sinuosidade de fossilização, ou seja, de estagnação. E, como aponta Agamben em *Estado de exceção* (2004), a catástrofe por si só é regressiva e imobilizadora, uma vez que ela concorre para uma vida nua, isto é, politicamente *matável*.

Assim, no enredo do conto a catástrofe se inscreve na vida dos nativos como um acontecimento social, cultural e, principalmente, biológico, cujas proporções desenham-se na vida dos personagens de maneira colossal, haja vista que:

A droga que nos punha ao deitarmos para dormir lenifica o corpo e alma. Na realidade era um óleo tão suave e perfumado que nossos sonhos desconexos passaram a ser coloridos. Acordávamos sempre dispostos ao trabalho. Percorriamos léguas dentro da floresta para coletar castanhas e extrair azeite de andiroba. O perigo rondante não nos intimidava mais. Ficamos destemidos. (CANTO, 1995, p. 1).

Antes da chegada dos insólitos na floresta, encontravam-se os nativos diante de uma vida natural, que não era, até então, radicalmente politizada. Desse modo, é a estratégia do uso do óleo sedativo que faz com que os corpos da comunidade entrem numa zona de vida nua, que se efetiva quando há estratégias políticas que ditam e legislam sobre a vida e a morte do Outro.

Dessa forma, a vida natural dos nativos, ou seja, “a *zoé*, termo grego que exprime o simples fato de viver comum a todos os seres vivos” (AGAMBEN, 2010, p. 16), encontra-se manipulada pelas estratégias de poder e saber dos seres de túnicas de seda sobre os homens de um olho só na testa. Pois, no momento em que os estrangeiros usam os dispositivos bálsamo e seda para politizar a vida da comunidade, os albinos perdem a vida natural e, por conseguinte, perdem o seu estado de direito de pescar, de inventar e de envelhecer – processo natural da vida.

Nesse contexto, questiona-se: o que implica essa radicalização de perdas de habilidades físicas, culturais e sociais, senão numa catástrofe? Ora, o ciclo natural da vida é nascer, crescer e morrer. Uma vez alterada essa lógica, o corpo torna-se facilmente dizimado, uma vez que se concretiza uma involução do processo natural da vida.

Mas, como na vida dos nativos nem tudo são flores, às vezes é preciso resistir à tentação deleitosa dos dispositivos, principalmente quando se apresentam com a incandescência da seda ou como um canto amoroso de homens vestidos à moda azul-turquesa. Tais homens, embora não tenham a divindade sonora das sereias, usam de discursos e práticas sedativas buscando acolher para si determinadas aprendizagens e iguarias. E essas iguarias, quando não se acham e nem nascem nas profundezas dos mares, se dão no interior de ilhotas e florestas.

Assim, foi recusando a aplicação do lenitivo em seus corpos que os nativos se abriram a novas perspectivas. E, como não há sacrifício sem ritos, um dia os albinos, ao passar pelo ritual da proficuidade do bálsamo, passaram a enxergar naquela seda sedutora comportamentos que outrora não percebiam.

Essa mudança de perspectiva, que nomeamos de resistência, faz com que os nativos vejam com clareza que os insólitos são, na verdade, “estranhos vampiros” (CANTO, 1995, p. 8). Portanto, é a resistência que elucida a verdade, até então fugidia àquela comunidade de albinos. É a articulação, advinda do ato de resistir, que proporciona aos homens de um olho só na testa a reconquista da liberdade regional, política, econômica e física da floresta narrativa de “O bálsamo”. Nesse sentido é que se optou pela nomenclatura corpos amazônicos “quase” seduzidos, uma vez que os nativos – envaidecidos pelas promessas de rejuvenescimento – terminaram por resistir às verdades dos lenitivos.

Dado o exposto, enuncia-se que é fundamentada nas possibilidades da eventualidade da criação literária, na qual tudo pode ser imaginado ou testemunhado, que pronunciamos: tudo aquilo que se encontra posto na alegoria de “O bálsamo” conflui para a representação do desejo de governabilidade. Desejo cujo fim é seduzir para seguidamente gerenciar o Outro. Entretanto, deve-se deixar aqui registrado que quando se expõe o outro a um amortecimento, no qual o fim é o aprisionamento infantil, temos, talvez, aquilo que Agamben (2017) nomeia em suas categorias de *homo sacer*, ou seja, vida sagrada, porém, facilmente eliminada.

Considerações finais

Os eventos, ora mencionados, foram pensados a partir da noção simbólica de poder, saber, sedução e controle, na qual o alvo da manipulação é o corpo. Julgamos que quando se submete o sujeito a hibernar sob um efeito sedativo, o corpo perde a sua capacidade natural de reação e razão, deixando, assim, de ser livre. Daí dizermos, no decorrer do artigo, que as alegorias óleo e seda assumem uma dimensão política de governabilidade, cujo fim é o assujeitamento dos albinos.

Para cumprir o que estabelecemos na introdução, procuramos mostrar como o termo *bálsamo* apresenta, ainda que metaforicamente, correspondências com as categorias de poder, saber, corpo e dispositivo. Nesse caso, expõe-se como apreciação particular que a dimensão narrativa deste conto se cruza com tantas outras histórias que ajudam ou que ajudaram, através do tempo-espaço, a constituir o testemunho ou, talvez, o imaginário da relação entre colonizador e colonizado. Assim, quem sabe não represente esta trama uma coletividade de vozes? Se considerarmos que o texto literário é um vetor de recepção e de ressignificação, podemos imaginar que o modo como se articulam determinados eventos no interior de uma escrita literária aflui para expressar, ainda que de forma figurada, ideias e testemunhos que sugerem uma pluralidade de eventos: vidas, tempos, espaço amazônico, albinos, estrangeiros, corpos, domínio e liberdade.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Tradução de Henrique Burigo. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução de Vinicius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- AGAMBEN, Giorgio. *O uso dos corpos: homo sacer*. Tradução de Silvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2017.
- ALMEIDA, Silvio Luiz. *Racismo estrutural*. Coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Pólen, 2019.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011.

CANTO, Fernando. *O bálsamo e outros contos insanos*. Belém: Editora UFPA, 1995.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. (Coleção Cultura, v. 2).

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Organização de Roberto Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SARMENTO-PANTOJA, Tânia Maria Pereira. Aspecto do realismo maravilhoso em “O bálsamo” de Fernando Canto. *Itinerários: Revista de Literatura*, Araraquara, n. 19, p. 43-54, 2002.

Recebido em: 24 de setembro de 2019.

Aprovado em: 25 de fevereiro de 2020.